



# nacos de necas

Claudio Parreira



gueto editorial

# Nacos de Necas

Claudio Parreira



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Claudio Parreira, 2017**

<https://www.facebook.com/claudio.parreira.7>

**Coleção #breves | Livro 2**

Selo Gueto Editorial ® 2017

**Edição e projeto gráfico**

Jerome Knoxville

**Edição e revisão**

Amanda Sorrentino

**Contatos**

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

**Licença**

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro dois

0

**“Combino palavras com muito silêncio.  
Poucas palavras.  
As palavras que gritam.”**

*Aborto Celeste, p. 89*

*H.P. BRUESCH*

*1521*

De todos os modos de fazer  
prefiro o fazer de menos.

Não por medo  
— que escrever já é uma coragem  
mas por preguiça mesmo  
essa musa vagabunda  
minha parceira  
de ócios e ofícios.

Antigos amantes, bruxa e inquisidor se encontram no cárcere.  
— O fogo liberta a tua alma — ele diz.  
— E o desejo aprisiona o teu corpo — ela responde.  
Mais tarde o Santo Ofício queima a bruxa. Mas quem arde é o inquisidor.

Hoje encontro no espelho um rosto de ontem.  
Aquilo que fui.  
O sorriso que dei.  
Ainda bem.  
Triste é o espelho que revela o que vai ser.



Ele acorda de madrugada suando e reclamando das garras e dos leões que rugem.

— É sonho — diz a mulher, sem abrir os olhos. — Vê se dorme, pô!  
De manhã ela acorda e a poça de sangue no lençol dá notícias do futuro.

Tenho um nome que não me chama.  
Uma religião que não é minha.  
E um monte de deveres que não me pertencem.  
O silêncio e as palavras são os meus únicos bens.  
Acrescidos de uma solidão que não cabe aqui.

Troquei o sorriso pela felicidade.  
E a felicidade era tanta que eu precisei sorrir.  
Mas já não havia como.

A minha mãe vem da morte pra me visitar.  
Diz que estou magro  
que só engordo palavras  
solitário demais neste mundo que se faz a dois  
que sabe dos meus cigarros  
e que lamenta as minhas garrafas.  
Essa aí a minha mãe, que ocupa a sua morte com a minha vida.

Dizem as vozes antigas que o céu, quando recebe alma nova, toca trombetas e sinos e se abre numa festa que começou antes e que acaba nunca.

Dizem as vozes antigas que o inferno faz a mesma coisa, só que de cabeça pra baixo.

Sobre a terra, as vozes antigas dizem o seguinte:

— Daqui ninguém sai vivo!

Quem parte compensa a tristeza do adeus com a felicidade do seja bem-vindo.

Tem sido assim desde que as pernas inventaram as viagens.

Agora, pra quem parte de ninguém em direção a ninguém, nada compensa — tenham as pernas asas ou motores ou rodas ou o que quer que seja.

- Os apaixonados são homens grávidos de mulheres — filosofa um.
- Por quê? — quer saber o outro.
- Porque carregam pela vida afora as mulheres que trazem por dentro.
- As que se foram?
- E as que virão.

Com um simples exercício de pensamento é possível paralisar um avião, uma bala sibilante, o foguete mais rápido.  
Interessante, no entanto, é a imaginação que faz uma estátua voar.



Uma vez se cansou de casa e caiu no mundo.  
Mas o mundo também cansa — e ele de novo em casa.  
As fronteiras porém se apagaram.  
Em casa mora no mundo.  
E no mundo está em casa.

Numa sacola de supermercado ele guardava verbos recolhidos aqui e ali. Pra usar no momento oportuno.

E o momento oportuno se apresentou sob a forma de discurso numa noite de festa.

Atrás do microfone, o homem disfarçou e enfiou a mão na sacola pra pescar o verbo mais apropriado e o verbo que veio na ponta dos seus dedos foi *calar*.

Não houve discurso naquela noite, nem aplauso — apenas um silêncio que ainda hoje se percebe nessas ocasiões.

Reuniu os amigos, construiu quatro paredes sólidas.  
E fez o telhado transparente  
— pra dormir coberto de estrelas.

Sozinho em si mesmo, ele escuta seus outros eus:  
um quer ver mundo e atravessar o mar  
o outro quer fixar raízes.

Na confusão das vozes ele se perde. Sendo um, é três. Três querendo ser um. E quando ele tenta falar, uma voz que também é sua vem lá do fundo:

— Calaboca!

Numa tarde enlouquecida, a fome se encontrou com a vontade de comer. Mediram-se as duas, dos pés à cabeça.

— Estou com fome — disse uma.

— E eu, com vontade de comer — falou a outra.

A fome então abriu a boca para dar o bote. Mas a vontade de comer foi mais rápida.

A solidão se lamentava por ser tão só.  
A companhia veio então pra consolar.  
Nesse dia a solidão deixou de existir.  
Agora quem se lamenta é a companhia.

Uns colecionam estrelas.  
Outros, primaveras.  
Outros ainda colecionam sorrisos e abraços.  
— Bando de loucos! — berram aqueles que só colecionam a razão.

Ele foge da rua e se esconde no cinema.  
O filme, porém, imita a vida.  
Ele foge então do cinema e se esconde na rua.  
A vida, porém, imita o filme.



Um velho com a mão trêmula rabisca num caderno uns garranchos que parecem coisa de criança.

Uma criança com a mão firme rabisca num caderno uns garranchos que parecem coisa de velho.

O fim das palavras parece o começo das palavras.

Uma história de sol.  
Uma história de chuva.  
Uma história de amor.  
Uma história verdadeira sobre a mentira.  
Uma história mentirosa sobre a verdade.

Uma história sobre tudo isso é o que a minha caneta persegue.  
Eu persigo a caneta.

**Claudio Parreira** é escritor. Foi colaborador da *Revista Bundas*, do jornal *O Pasquim 21*, *Caros Amigos on line*, *Agência Carta Maior*, entre outras publicações. É autor, pela *Editora Draco*, do romance *Gabriel* e também da coletânea de contos *Delirium*, pela *Editora Penalux*.



**selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo